

Martius e as línguas indígenas do Brasil

Martius and the indigenous languages of Brazil

Pablo Diener¹

Resumo

A experiência da expedição de três anos, que C.F.Ph. von Martius realizou no Brasil entre 1817 e 1820, rendeu ao cientista materiais e inspiração para meio século de investigações e publicações em diversas áreas do saber. Na sua especialidade, a botânica, Martius desenvolveu pesquisas de dimensões e relevância ímpar; porém também as tarefas que se impôs nos campos da história, da etnografia e, sobretudo, da linguística dos povos indígenas do Brasil evidenciam uma competência notável, e seus trabalhos podem ser colocados em paralelo com os mais avançados estudos realizados à época. De fato, foi particularmente às observações da língua que o cientista atribuiu um papel nodal na sua tentativa por explicar o devir histórico dos povos indígenas. Nesse empenho Martius se aproximou dos principais linguistas de tradição germânica, nomeadamente de Wilhelm von Humboldt e Jacob Grimm. O artigo faz uma revisão da produção de Martius no campo das Ciências Sociais, com especial atenção nos estudos linguísticos, e analisa os caminhos que o pesquisador percorreu para se apropriar das ferramentas que lhe permitiram conduzir esses trabalhos.

Palavras-chave: Martius. Línguas indígenas do Brasil. Etnografia americana. Os Tupi. História do Brasil.

Abstract

C.F.Ph. von Martius' three-year-long expedition to Brazil, from 1817 to 1820, provided the scientist with data and inspiration for half a century to research and publish in a broad range of scientific disciplines. In botany, his own speciality, Martius developed a huge taxonomical work that has remained valid until now. Nevertheless, the studies he took on in the fields of history, ethnography and, above all, linguistics regarding the indigenous nations of Brazil reveal an extraordinary know-how, and his work rivals the most advanced research of his contemporary scholars. In fact, he established a key role to his language observations in order to explain the most distant indigenous history. To achieve this, Martius followed the ideas of several renowned linguists of the German tradition, namely Wilhelm von Humboldt and Jacob Grimm. This article goes over Martius' publications in social sciences, focusing on his linguistic investigation, and examines the path he followed to master the methodological tools required to achieve his goal.

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso.

Keywords: Martius. Indigenous languages in Brazil. South American ethnography. Tupi. History of Brazil.

Uma figura intelectual complexa, Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) chama a atenção dentre os brasilianistas do século XIX pelo abrangente leque dos seus interesses e saberes, que vão desde a botânica, passando pela linguística, até a história.

Os seus monumentais trabalhos no campo da botânica se transformaram rapidamente em obras de referência e, ainda hoje, são consultadas com proveito por cientista de todo o mundo. O estudo que dedicou às palmeiras, a *Historia naturalis palmarum* (1823-1850), que inclui espécies dos quatro cantos do planeta, mereceu um exultante comentário de Alexander von Humboldt (1769-1859), o decano dos viajantes europeus no continente americano (apud Eichler 1869:13). E o poeta Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) escreveu uma resenha imediatamente depois de aparecer os dois primeiros fascículos dessa obra, qualificando-a de a mais bela publicação botânica de todos os tempos (Goethe 1989 (12):384). A *Flora brasiliensis*, por sua vez, o maior projeto editorial empreendido por Martius, é uma obra de fôlego que teve início em 1840 e foi concluída, postumamente, em 1906, vale dizer, 38 anos depois da sua morte.

Comparativamente a esses famosos trabalhos no âmbito das ciências naturais, a obra no campo das ciências sociais é relativamente pouco conhecida, com exceção – entre os brasileiros – do seu ensaio *Como se deve escrever a história do Brasil* (1844). Mas Martius desenvolveu também uma vasta investigação com o objetivo de sistematizar as línguas e os povos indígenas do Brasil. O erudito linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues se refere aos estudos de Martius nessa área como o “primeiro ensaio de apresentação conjunta das línguas indígenas do Brasil” (Rodrigues 2002 (1994¹):15).

Diante do perfil desse personagem, que se nos apresenta inicialmente como um naturalista rigoroso, surge quase necessariamente a pergunta acerca da rota intelectual que o levou a ocupar-se dos estudos das línguas e, de forma ampla, do devir histórico dos povos indígenas do Brasil. Essa é a questão que nos propomos acompanhar aqui, para a qual, inicialmente, faremos uma breve revisão da produção de Martius neste campo e, depois, procuraremos identificar algumas das principais personalidades que lhe assinalaram um norte para essa empreitada.

Para tanto, duas questões se colocam: como Martius, que vinha dos estudos botânicos, chegou a penetrar no intrincado campo da linguística? E qual o seu intuito ao tentar compreender, por essa via, a existência histórica dos povos indígenas do Brasil?

Os caminhos do conhecimento

O trabalho intelectual do cientista bávaro se iniciou tendo como base uma carreira sistemática no campo das ciências naturais. Formou-se como médico e, ainda muito jovem, especializou-se em botânica. Foram estes saberes que lhe valeram o convite para integrar a expedição científica austríaco-bávara ao Brasil, vinculada à vinda da princesa Leopoldina de Habsburgo, dando-lhe a possibilidade de percorrer entre 1817 e 1820 o espaço ainda luso-americano, em companhia do zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826).

Após o retorno à Alemanha, Martius levou adiante de forma impecável as tarefas conclusivas da empreitada científica, trazendo a público uma minuciosa descrição do périplo realizado, o *Viagem pelo Brasil [Reise in Brasilien]* (Spix & Martius 1823-1831),² além de diversas publicações específicas do seu campo do saber, nas quais se destacam a publicação sobre as plantas coletadas durante a expedição e o esboço do projeto sobre a flora medicinal brasileira que desenvolverá posteriormente.³ Nesse âmbito, porém, são particularmente conhecidos os projetos inspirados na viagem, mas que foram desenvolvidos ao longo de muitos anos e nos quais o cientista empregou boa parte da sua vida, nomeadamente a já citada monografia dedicada às palmeiras, a *Historia naturalis palmarum* (3 vols.; Munique, 1823-1850), e a proposta de uma catalogação integral das plantas do Brasil, a *Flora Brasiliensis* (15 vols.; Leipzig, 1840-1906).

Paralelamente a esses empreendimentos na área das ciências naturais, Martius iniciou a série de estudos e publicações sobre a população indígena do Brasil, com um livro no qual se propôs a analisar *O estado de direito entre os autóctones do Brasil [Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens]* (Munique, 1832; reimpressa pelo autor em Leipzig, 1867). Aí procura definir os principais traços da organização social e política das sociedades indígenas que, na sua leitura, à época, se encontravam num momento de dramática degradação e extremamente fragmentada entre si. Empenha-se em alicerçar essa interpretação baseando-se na sua própria observação.

Em vista dessa constatação, Martius propõe a hipótese de que, originalmente, a população indígena formava uma grande unidade, sendo que parte dela teria

² No corpo do texto, os títulos estão citados em tradução ao português com a intenção de não obstruir o fluxo da leitura, porém, na primeira menção se inclui o título na língua original. Na bibliografia, as obras de Martius aparecem com o título original e com as referências da primeira edição, e da versão em português, quando existir. As citações geralmente foram tomadas das edições em alemão e a tradução ao português é nossa.

³ Nova genera et species plantarum brasiliensium, quas in itinere jussu Maximiliani Josephi I. Bavariae regis per Brasiliam a 1817-20 suscepto collegit [...]. Vols. I-III. Munique, 1824-1831; "Specimen materiae medicae brasiliensis". Memória da Academia das Ciências da Baviera. Munique, 1824. Essa memória apresentada na academia foi retrabalhada vinte anos mais tarde em *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis*. Leipzig, 1843.

um significativo grau de desenvolvimento; esta porção seria representada pelos Tupi. Entretanto, essa nação, nas suas migrações, foi se dispersando e se subdividindo. A manifestação mais evidente do processo regressivo que teria experimentado esse povo seria a grande fragmentação operada na sua língua, criando o que ele chamou de “uma confusão babilônica” (Martius 1867:49). A carência de unidade da língua representava, pois, um fator decisivo, que obstruiria a constituição da nação; essa carência, por sua vez, se transformaria num obstáculo substancial para que os índios construíssem uma existência mais nobre.

O autor é hesitante quando tenta identificar o momento e as circunstâncias que deram início ao processo regressivo, mas vincula-o, vagamente, a catástrofes naturais. E é justamente procurando entender os caminhos históricos que os Tupi teriam percorrido que Martius elabora o seu livro *O estado de direito entre os autóctones do Brasil*. Ao construir sua proposta, chega, inclusive, a afirmar – numa formulação surpreendente para um botânico – que “resolver essa tarefa seria ainda mais atrativo e frutífero que conhecer a multidão de maravilhosos produtos naturais que o Novo Mundo contém no seu seio” (Martius 1867:45).

A edição de *O estado do direito* veio acompanhada de um “Anexo”, no qual Martius oferece a sucinta caracterização de 245 povos, organizada a partir do critério geográfico. Completando sua publicação, o autor também inclui um mapa, no qual expõe visualmente a sua hipótese sobre a migração dos povos Tupi, que teriam vindo do oeste e migrado, primeiro, em direção ao sul para depois seguir rumo ao norte, sobretudo, ao longo do litoral, até penetrar na bacia amazônica. O anexo e o mapa representam uma documentação importante para demonstrar e alicerçar graficamente os argumentos expostos no livro.

Seis anos mais tarde, em 1838, Martius proferiu uma conferência na sessão pública da Sociedade de Naturalistas e Médicos de Friburgo, com o título *Passado e futuro do homem americano* [*Die Vergangenheit und Zukunft der amerikanischen Menschheit*], que um ano depois foi publicada numa erudita revista, e reimpressa pelo autor em Leipzig, em 1867. Nesta nova publicação, de tom mais ensaístico, porém mais apocalíptico, o cientista reitera a sua hipótese sobre o estado de degradação da população sul-americana. E já no início do seu discurso esclarece que, ao seu entender, essa população representa “um fato singular, isolado e concluso, tanto numa perspectiva da história natural como da história”, razão pela qual prefere chamá-la de uma “humanidade americana” e não uma “raça americana” (Martius 1867:2).

Como demonstração dessa questão, Martius preparou uma detalhada exposição. Aí tenta fazer ver que os americanos não são um povo selvagem, pois, a julgar pelos traços manifestos no seu vocabulário, nos escassos vestígios do seu antigo estado de direito e em alguns aspectos da sua cultura material, trata-se de um povo que, em tempos remotos, viveu um nível de desenvolvimento

superior, mas, pouco a pouco foi se tornando selvagem por efeito da degradação. Esta, conforme novamente evoca, teve causas imprecisas e pode estar associada a remotas catástrofes naturais de ordem ambiental.

Para esquadrihar quais teriam sido os caminhos trilhados por esses homens no percurso dos séculos, Martius afirma aqui, pela primeira vez, que um dos poucos subsídios na consecução dessa tarefa seria o estudo das línguas e dos dialetos falados pelos índios; estes seriam, pois, quase os únicos monumentos sobreviventes da sua passada atividade intelectual. Ao concluir a sua explanação, enuncia o princípio que guiará a continuação da sua tarefa neste campo: “Nós alemães, que não possuímos colônias, participamos de uma propriedade *in partibus*, que é o terreno do espírito [do intelecto]; assim, nos vemos destinados a explorar e ampliar o Novo Mundo em benefício dos interesses espirituais” (Martius 1867:42).

Ao se analisar o texto da conferência sobre o *Passado e futuro do homem americano*, torna-se visível uma linha de continuidade com o seu mais difundido escrito no campo das ciências sociais, o ensaio *Como se deve escrever a história do Brasil*, que foi aplaudido, publicado e premiado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Martius 1844).⁴

Na introdução de *Como se deve escrever a história do Brasil*, Martius menciona que viu a convocatória do concurso do IHGB para propostas sobre a escrita da história do Brasil no segundo tomo da revista, isto é, na edição de 1840. Assim – com independência das demoras com as quais o cientista muniquense recebeu a revista –, podemos deduzir que a elaboração intelectual do ensaio deve ter sido dilatada. Isto explica que, não obstante o manuscrito original esteja datado em janeiro de 1843, ao examinarmos especificamente as páginas que têm relação com a população indígena, as ideias e o teor do artigo e, inclusive, as próprias formulações são bastantes coincidentes com as que utilizou anteriormente na conferência.

Com um título original bem mais prudente, a saber, *Observações sobre a escrita da história do Brasil* [*Bemerkungen über die Geschichtsschreibung Brasiliens*], esse ensaio tem como princípio norteador, fazer ver que todo estudo histórico sobre a sociedade brasileira deve partir do fato de que o objeto de análise é uma sociedade mestiça, composta de índios, brancos e negros. E, a partir dessa premissa, o autor estabelece inicialmente que “Cada uma das particularidades *physicas* e *moraes*, que distinguem as diversas raças, oferece a este respeito um motor especial”. Sendo assim, mesmo que o português apareça “como o mais poderoso e essencial motor”, seria um erro desprezar

⁴ O ensaio “Como se deve escrever a história do Brasil” foi publicado pela primeira vez na *Revista do IHGB*, nº 6 (1844), p. 381-403. O parecer para a concessão do prêmio apareceu na mesma Revista, três anos depois, nº 9 (1847), p. 279-287. Até hoje, o ensaio sobre a história não foi publicado na versão original, em alemão.

“as forças dos indígenas e dos negros importados, forças estas que igualmente concorreram para o desenvolvimento physico, moral e civil da totalidade da população” (Martius 1844:382).

Nessa perspectiva, tomando como roteiro a sequência cronológica da ocupação do território, segundo Martius, é de rigor referir-se, inicialmente, ao componente indígena. Para ele era essencial responder as questões sobre a origem, a procedência e o devir desses povos, e explicar “Quaes as causas que os reduziram a esta dissolução moral e civil, que n’eles não reconhecemos senão *ruínas de povos*” (Martius 1844:385; ênfase no original), reiterando assim o juízo formulado nos seus escritos precedentes. Na continuação do seu raciocínio, de acordo com a vertente historiográfica científica que rejeita a mera especulação filosófica e assume a necessidade de fontes para a construção do saber nessa disciplina – à época particularmente próspera no âmbito acadêmico alemão –, define sem margem de dúvida que:

Como documento mais geral e mais significativo deve ser considerada a *lingua dos índios*. Pesquisas n’esta atualmente tão pouco cultivada esphera não podem jamais sêr sufficientemente recommendadas, e tanto mais que as linguas Americanas não cessam de achar-se continuamente em uma certa *fusão*, de sorte que algumas delas em breve estarão inteiramente extinctas. (Martius 1844:386; ênfase no original)

Ao fazer uma proposta metodológica para a investigação da história dos índios, concretamente, uma pesquisa que permita penetrar na “esfera da alma e da inteligência destes homens” (ibidem), Martius opera com a hipótese por ele fundada, sobretudo, no seu escrito imediatamente anterior, apresentado na conferência da Sociedade de naturalistas e médicos de Friburgo, de 1838. Para ele, pois, a atividade intelectual deve ser estudada através da língua; é ela que se constitui como o documento histórico por excelência. Para esse estudo podem contribuir observações sobre os diversos corpos mitológicos, assim como os vestígios de símbolos e tradições de direito.

Mas, no substancial, na sua opinião, todo estudo histórico dedicado à população indígena deve estar orientado no intuito de identificar a relação que cada um dos povos atuais tem com a raiz Tupi. Nesse povo se assenta, segundo o autor, o momento culminante da história indígena do espaço brasileiro. E, politicamente, o cientista pensa que o retorno a essa raiz representa o único caminho através do qual os povos agora degradados, poderiam recuperar sua dignidade. Dessa maneira, há de se entender a sua decidida defesa da “língua geral ou tupi”, que se sustenta na observação de tratar-se da “língua principal fallada outr’ora pelos índios do Brazil em vastissima extensão, e entendida ainda em muitas partes” (ibidem).

Seguindo nessa premissa, quase simultaneamente ao ensaio sobre a escrita

da história, Martius publicou *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros* [Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens] (Munique, 1844), cuja primeira parte contém um curto ensaio com observações de antropologia física. Este tem justamente o propósito de abordar a tese da degradação dos povos americanos desde uma perspectiva somática, sendo que, no seu corpo principal, a obra está intimamente relacionada com o tratado de etnobotânica que Martius havia publicado um ano antes, o *Systema de matéria médica vegetal brasileira* [*Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis*] (Leipzig, 1843).

Ao analisarmos este conjunto de publicações torna-se evidente o grande esforço que o naturalista realizava na tentativa de encontrar dados que respondessem à sua hipótese.

Entretanto, seu ensaio sobre a história, que havia sido recebido com caloroso entusiasmo pelo IHGB, o fez merecedor do convite para desenvolver pessoalmente o projeto que propôs, segundo consta na carta de 12 de agosto de 1843, escrita pelo Secretário Perpétuo dessa instituição, o Cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846; apud Diener e Costa 2012:312). Mas o naturalista, então, estava focado em outras tarefas; em parte dedicava-se à sua função de diretor do Jardim Botânico de Munique, em parte buscava apoio para dar arranque à sua obra magna de taxionomia botânica, a *Flora Brasiliensis*, de modo que declinou do convite. Não obstante, na resposta que enviou ao IHGB, datada de 8 de março de 1844, observou que, nas suas horas de descanso, sim, continuava “ocupado dos vestígios da historia antiga da America”. E nessa missiva reitera o seu interesse pelo “grande mysterio de uma historia em que tudo se tem apagado, em que tudo é abysmo e ruina” (apud Martius 1939:XXXI).

Contudo, passaram-se vinte anos até que o naturalista reaparecesse publicamente com outro trabalho dedicado à temática indígena. Como resultado da grande pesquisa que realizou sobre as línguas do Brasil, Martius, finalmente, publicou entre 1863 e 1867 em dois volumes a obra *Contribuições para a etnografia e a linguística da América, especialmente do Brasil* [*Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Amerika's zumal Brasiliens*] (Leipzig, vol. I, 1867; vol. II, 1863). Trata-se, de fato, de uma obra que, em certa medida, quer oferecer os alicerces para construir uma história dos povos indígenas, de acordo com a sua proposta de uma história do Brasil.

Nesse sentido, é interessante observar que, ao publicar suas *Contribuições para a etnografia e a linguística*, primeiramente trouxe à luz o segundo volume da obra; de acordo com o autor, este tinha começado a ser impresso em meados da década de 1850 (Martius 1863:II, VIII), com um título trilingue – em alemão, latim e português – anunciando que se tratava dos *Glossarios das diversas lingoas e dialectos, que fallao os Indios no imperio do Brazil*. Dentre as línguas de referência para a tradução dos vocábulos indígenas encontram-se também

partes em alemão, em português e/ou em latim. A maneira de proêmio, os *Glossários* incluem uma “Advertência aos filantropos brasileiros que leem este livro”, com 10 páginas escritas unicamente em português.

As listas de vocábulos trazem, por uma parte, amostras mais ou menos abrangentes de, aproximadamente, uma centena de povos e, por outra, um corpo de nomes de plantas e animais e de topônimos em tupi, com uma série de quadros comparativos com sinônimos desses vocabulários em diversas línguas.

Já o primeiro volume da obra só foi publicado quatro anos mais tarde. Este contém o estudo etnográfico sobre um conjunto de povos afins àqueles representados nas amostras dos *Glossários*. A descrição de cada um desses povos segue *grosso modo* o modelo que o cientista já havia utilizado 30 anos antes no seu *Estado de direito*, e remete, reiteradamente, às listas de vocábulos. Tanto nessas listas como na descrição e análise etnográfica, o primeiro povo tratado é o Tupi, nas suas diversas manifestações por todo o país, e, à continuação, o autor faz um percurso através do território brasileiro, tratando das demais “populações, tribos e hordas”.

Na primeira parte do volume I, Martius reimprime o que, ao seu entender, constituíam os dois principais escritos anteriores sobre o assunto, a saber, *O estado de direito* e o *Passado e futuro*. A última análise etnográfica, datada de 1867, foi escrita especificamente para o tratado de etnografia e linguística e leva o título *As populações, tribos e hordas indígenas no Brasil e alguns territórios vizinhos*. Este compõe uma obra monumental que se estende por 640 páginas, sendo que, nas últimas dez páginas, o autor oferece um minucioso índice remissivo, no qual figuram todos os povos mencionados nas observações etnográficas. Em verdade, é um catálogo substancial e bem documentado das etnias brasileiras, que ainda inclui uma gravura colorida com um mapa que mostra graficamente a sua interpretação das migrações dos Tupi. Trata-se do mesmo mapa que já havia publicado em 1832 em *O estado de direito*, acrescentando uma visão sinóptica dos principais grupos linguísticos referentes aos índios do Brasil. Estes são: os Tupi, dispersos por todo o espaço brasileiro e inclusive além das suas fronteiras; os Jê, encontrados nas bacias dos rios Tocantins e Araguaia; os Goytacá, escassamente representados entre o Rio de Janeiro e a Bahia, sobretudo no interior da Mata Atlântica e nas proximidades do rio Paraíba do Sul; os Cren ou Gueren, no espaço do interior, entre o rio Paraíba do Sul e o rio das Contas; os Pareci, localizados nas montanhas e planaltos entre os rios Madeira, Tapajó e Paraguai; os Guaikuru, que o autor vincula à grande família dos índios do Chaco; os Guck ou Coco, situados nos afluentes da vertente norte do Amazonas até as Guianas; os Aruac, no litoral das Guianas e na ilha Trinidad, mas também dispersos nas proximidades do rio Negro; e finalmente um grupo, localizado ao longo do litoral, dos povos em processo de adoção da cultura e a língua portuguesa.

Em diversas partes dessa obra, Martius empenha-se em explicitar que o objetivo do trabalho dedicado às línguas era o de mostrar a diversidade do Tupi, como consequência da dispersão dessa etnia (Martius 1863 (II):XIII). De forma geral, os glossários têm a intenção de permitir a comparação das línguas, o que, mediante a observação das mudanças fonéticas, deveria conduzir à identificação de filiações ou, como escreve em outra passagem, na medida do possível, remeter os dialetos às línguas de origem (idem (II):XII; (II):126).

É particularmente na “Advertência” que o autor declara abertamente o valor político contido no seu trabalho. A partir da experiência pessoal acumulada durante a sua viagem pelo Brasil, de 1817 a 1820, afirma ter observado “que o caracter da sociedade [...] mudava totalmente segundo as linguas e dialetos de que ella usava. Em quanto todos fallavam a lingua geral, o gôzo[,] o contentamento e o trabalho reinavam entre elles” (idem (II):IX). Essa “confraternidade” se rompia quando “entravam alguns Indios do mato [...] que não entendiam a lingua dos outros” (idem (II):X). Os *Glossários* pretendem, pois, contribuir à “difusão da lingua geral Brazilica”, oferecendo uma ferramenta que mostre os caminhos percorridos até a dispersão atual e trazendo à luz os vestígios da afinidade na “extraordinária multiplicidade e confusão destes idiomas”. E os vocabulários poderão servir, também, para “augmentar o cabedal commun de palavras, que pode entrar na lingua geral” (idem II:XIV; II:XVI-XVII).

Tal como Martius declara explicitamente, os glossários foram compostos com base em observações diretas feitas por ele e por Spix durante o seu périplo pelo Brasil, mas também se propôs a “publicar de forma conjunta aquelas listas de palavras, às quais tivemos acesso, compiladas quase simultaneamente durante as últimas quatro décadas no Brasil” (idem, II, 126). De fato, tanto nos *Glossários* como no volume analítico, encontramos passo a passo a referência a diversos viajantes que percorreram o espaço brasileiro e, em parte, também a antiga América espanhola, e dos quais foram tomados corpos de vocábulos e de observações etnográficas. Assim, com particular frequência nos vemos remetidos aos nomes de Francis de Castelnau (1810-1880), Johannes Natterer (1787-1843), o Príncipe de Wied-Neuwied (1782-1867), Auguste de Saint Hilaire (1779-1853), J. J. von Tschudi (1818-1889) e W. L. von Eschwege (1777-1855), entre muitos outros. Esta compilação é justificada em função das rápidas mudanças às quais os povos têm sido submetidos, e que têm interferido em suas línguas e seus costumes. Segundo Martius, finalmente, era premente fazer o registro desse documento histórico, praticamente o único que ele identifica como capaz de construir a história dos índios.

Ao concluir o estudo etnográfico, que chama de uma “revista geral dos povos da América do Sul” (1867 (I):763-764), Martius reitera que, metodologicamente, sua análise se baseia na comparação de vocábulos e, mesmo sem penetrar nos estudos sintáticos – os quais, numa avaliação que ele mesmo qualifica de leiga, não contribuiriam a uma maior precisão por tratar-se de línguas com

uma estrutura homogênea –, tem a absoluta convicção da validade do seu procedimento. Na ausência de outros instrumentos para a análise etnográfica, propôs-se, enfim, a criar uma organização dos povos em função dos grupos linguísticos que pôde identificar.

A partir dessa constatação, observa a influência quase determinante do espaço geográfico na constituição dos povos, suas tradições e suas línguas, territorializando-os em cada uma das bacias hidrográficas; em suas palavras:

Cada rio imprime à paisagem um caráter singular. [...] Consequentemente, os habitantes de cada um dos espaços fluviais desenvolvem uma certa afinidade: dialetos coincidentes ou similares, assim como costumes e tradições equivalentes diante de condições de vida coincidentes. (1867: I, 767)

Esse é, segundo Martius, o limite até onde o pesquisador pode chegar. Martius queria ir mais adiante, e identificar – conforme o preceito da sua época – tanto o povo como a língua original, o *Urvolk* e a *Ursprache* (1867:765;769). Porém, isto lhe parece uma expectativa quimérica, já não mais realizável segundo as normas da ciência vigentes à época. As fontes disponíveis lhe permitiriam, isso sim, organizar a multidão de povos em nove grupos linguísticos.

Os estudos linguísticos de Martius

Durante alguns anos morei sob o mesmo teto com Schmeller. Era meu amigo e confidente. Foi através dele que adquiri consciência e respeito pelos estudos linguísticos.⁵

Martius escreveu esse comentário em carta ao seu interlocutor berlinense Eduard Buschmann (1805-1880), vários anos após a morte do germanista bávaro Johann Andreas Schmeller (1785-1852), evocando a sua relação e os importantes impulsos que havia recebido daquele seu patrício muniquense. Este é um dado relevante, pois Martius nos dá uma pista de como aconteceu sua aproximação aos estudos das línguas indígenas. É provável, ainda, que tenha sido por mediação de Schmeller que o naturalista passou a ter relações com uma das maiores personalidades dos estudos germanistas do século XIX, o já então famoso linguista Jacob Grimm (1785-1863). Mas o que Martius sempre reconheceu no amigo foi o fato de tê-lo introduzido nos estudos das línguas.

Com Schmeller, Martius estabeleceu laços de amizade já antes da viagem ao Brasil, e no seu *Diário. 1801-1852 [Tagebücher. 1801-1852]* (Munique, 1954-1957), Schmeller lastima não ter sido recrutado para integrar-se à expedição científica organizada pela Casa dos Áustria em colaboração com a Coroa da Baviera. Com humor ácido lembra daquele desejo numa anotação posterior, do

⁵ Preussische Staatsbibliothek – Berlim, Cod. 318 acc. Darmst.

27 de dezembro de 1820: “E o que podia fazer para embarcar-me para América? Me perguntei. Só faltava um desenhista, e eu não sou desenhista!” (Schmeller 1954-1957:I, 425).

Após o retorno do Brasil de Spix e Martius, o contato de Schmeller com Martius foi cotidiano, como evidenciam as frequentes menções de encontros que o linguista anota no *Diário*, seja com ocasião de sessões de leitura de trechos da narrativa da *Viagem pelo Brasil*, seja em reuniões meramente sociais ou também em excursões conjuntas a Schlehdorf, no sul da Baviera, onde Martius possuía uma casa de campo (Schmeller 1954-1957:I, passim).

Nas décadas de 1820 e 1830, Schmeller desenvolvia pesquisas sobre os dialetos bávaros, que concluíram com a edição do seu monumental *Dicionário bávaro* [*Bayerisches Wörterbuch*] (Stuttgart/Tübingen, 1827-1837). E, assim como Schmeller seguia passo a passo os trabalhos de Martius na escrita da narrativa de viagem, também Martius estava familiarizado com as investigações que o amigo levava adiante no campo da linguística. Através delas, o naturalista certamente obteve uma primeira ideia da problemática das pesquisas da linguística histórica e das definições de fronteiras linguísticas, que constituíam o cerne das preocupações de Schmeller ao abordar um estudo dos dialetos bávaros por um período de oito séculos, tentando delimitar sua identidade, em particular com os dialetos da Francônia e da Suábia.

De forma geral, o trabalho de Martius tem uma sólida sustentação na tradição da linguística alemã, que nos leva até a filosofia ilustrada de origem germânica, nomeadamente ao pensamento de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) sobre a linguagem. Encontra aí, de fato, um importante modelo que viabiliza intelectualmente a possibilidade de alicerçar as investigações históricas mais antigas dos povos europeus mediante o estudo das suas línguas. Na formulação do filósofo iluminista: [...] devido a que são as línguas, em geral, os mais antigos monumentos dos povos, anteriores à escrita e às artes, estas assinalam da melhor forma a origem das relações de parentesco e das migrações. (Leibniz 1765:245)

Essa afirmação de Leibniz, seja na formulação dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [*Nouveaux Essais sur l'entendement humain*], de 1703-1704 (publicados postumamente, em 1765) – obra à qual pertence o trecho citado –, seja na versão que o filósofo apresentou em 1710, na Real Academia Prussiana das Ciências, sob o título de *Breves observações sobre a origem dos povos, tal como podem ser deduzidas do testemunho das línguas* [*Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indicio linguarum*], teve uma vigência de longo prazo entre os estudos alemães dedicados à língua.

Aproximadamente cem anos depois, nas primeiras décadas do século XIX, Wilhelm von Humboldt (1765-1835) promoveu, e ele mesmo realizou, estudos linguísticos numa linha coincidente com as ideias de Leibniz. Desde sua

elevada posição como ministro de assuntos educacionais do estado da Prússia e na qualidade de membro da mesma academia à qual havia pertencido Leibniz, Humboldt impulsionou estudos comparativos das línguas com o propósito de estabelecer as relações históricas, i.e., genéticas, dos mais diversos grupos de línguas do planeta. Dentre os seus trabalhos conta-se a primeira descrição da língua e cultura bascas, do nordeste da península ibérica, uma pesquisa baseada em duas viagens do cientista ao País Basco, datados entre 1799 e 1801; desses trabalhos, à época, foi publicado o *Exame das investigações sobre os primitivos habitantes da Espanha, com auxílio da língua basca* [*Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens vermittelt der vaskischen Sprache*] (Berlim, 1821).⁶ Nos anos sucessivos Humboldt realizou também um corpo amplo de investigações sobre línguas americanas, que vai do México até o espaço andino e ao Brasil, e uma monografia sobre a língua kawi, da ilha de Java.

Foi entre final da década de 1820 e início da década de 1830 que Martius estabeleceu relações com Wilhelm von Humboldt, precisamente no campo das investigações sobre as línguas americanas. Porém o vínculo se manteve num nível bastante formal, não obstante Martius tivesse cultivado alguma proximidade com Alexander, o irmão mais novo de Wilhelm. Segundo sabemos, a relação com Wilhelm consistiu, basicamente, em que o então jovem explorador enviou, desde Munique, diversas amostras das suas coletas de vocábulos dos povos indígenas do Brasil ao então famoso político e investigador, estabelecido na sua residência em Tegel, próximo de Berlim.⁷

É difícil saber com precisão o que Martius chegou a conhecer das investigações e das propostas teóricas e metodológicas formuladas por Wilhelm von Humboldt. De fato, até o ano da sua morte, em 1835, o intelectual prussiano só havia publicado uma mínima parte dos seus trabalhos sobre linguística. Ainda em vida, alguns dos seus escritos circularam no âmbito erudito através das edições da academia prussiana, tais como “Sobre os estudo de linguística comparada em relação com as diversas épocas do desenvolvimento das línguas” [“Über das

⁶ Um corpo abrangente das investigações de W. von Humboldt sobre o País Basco foi publicado no início do século XX: Humboldt, Wilhelm von. 1920. “Die Vasken, oder Bemerkungen auf einer Reise durch Biscaya und das französische Basquenland im Frühling des Jahrs 1801. Nebst Untersuchungen über die Vaskische Sprache und Nation, und einer kurzen Darstellung ihrer Grammatik und ihres Wörtevvorraths“. In: *Gesammelte Schriften* [edição organizada por Albert Leitzmann]. 17 vols. Berlim, 1903-1936, vol. 13 (1920), p. 1-195. Entre 2002 e 2010, no projeto de publicação dos escritos de Wilhelm von Humboldt sobre linguística, realizado sob patrocínio da Academia das Ciências de Berlim-Brandemburgo, Bernard Hurch publicou a totalidade dos manuscritos de Humboldt relativos à sua viagem e às suas investigações sobre o País Basco.

⁷ Bayerische Staatsbibliothek-Munique, Acervo Martiusiana, Cod. II, A,2, Humboldt, Wilhelm Freiherr von.

vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung”] (Berlim, 1820) e “Sobre a origem das formas gramaticais e a sua influência no desenvolvimento das ideias” [“Ueber das Entstehen der grammatischen Formen, und ihren Einfluß auf die Ideenentwicklung”] (Berlim, 1822).

O principal propósito dos trabalhos de Humboldt era o de promover estudos de línguas comparadas com vistas a definir famílias linguísticas e estabelecer relações entre as diversas estruturas gramaticais e a respectiva capacidade de formular ideias.

O seu mais amplo tratado teórico, que leva o título *Sobre a diversidade da construção das línguas da humanidade e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual do gênero humano* [Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die Entwicklung des Menschengeschlechts], foi publicado postumamente, em 1836, junto com o estudo sobre a língua kawi. Assim também, uma publicação abrangente das investigações sobre o basco só saiu à luz pública no início do século XX (v. nota 6). E os trabalhos sobre as línguas americanas têm sido editados num projeto que está sendo desenvolvido pela Academia das Ciências de Berlim-Brandemburgo, desde a década de 1990.⁸

No escrito teórico *Sobre a diversidade da construção das línguas da humanidade*, acima mencionado, Humboldt retoma explicitamente o pensamento de Leibniz, que podemos resumir na formulação: a língua é o órgão formador do pensamento. Foi com base nestas ideias que o autor levou ao estudo das línguas extra-europeias um princípio de análise que já vinha sendo aplicado sistematicamente no campo das línguas indo-europeias.

Na edição daquele tratado, como também do estudo sobre o kawi, foi decisiva a contribuição de Eduard Buschmann, que fora secretário e herdeiro intelectual de Wilhelm von Humboldt e uma espécie de *chevalier servant* dos irmãos Humboldt. Por mais de dez anos após a morte de Wilhelm, este investigador dedicou-se, sobretudo, a administrar e dar a conhecer alguns dos escritos de quem fora seu chefe nas investigações linguísticas. E, a partir da década de 1850, iniciou a publicação das próprias pesquisas, editando estudos sobre o nahuatl.⁹ Naqueles anos se inicia uma relação de Martius com Buschmann, a qual foi intensificando-se na medida em que o naturalista avançava na elaboração dos seus *Glossários*.¹⁰ Sabemos que Martius visitou em diversas ocasiões a capital prussiana, e também que tentou convidar a Buschmann para que o visitasse

⁸ A organização dessas publicações tem estado a cargo de un grupo de investigadores vinculados a Kurt Mueller-Vollmer.

⁹ Para uma listagem dos trabalhos publicados por Buschmann, v. Mueller-Vollmer (1993:86); para uma avaliação do trabalho de Buschmann, v. Ringmacher (2012), sobretudo p. 11-12.

¹⁰ V. correspondência na Preussische Staatsbibliothek – Berlim, Cod. 318 acc. Darmst., e Bayerische Staatsbibliothek – Munique, acervo Martiusiana, II, A, 2 Buschmann, Eduard.

em Munique. Mesmo que o berlinense nunca tenha cedido aos chamados de Martius, com extraordinária generosidade redigiu verdadeiras memórias monográficas sobre as investigações da gramática de línguas americanas que Humboldt havia esboçado, e as enviou em forma de longas missivas a Martius, de Berlim a Munique. São muitos os pedidos de listas de vocabulários que Martius dirigiu a Buschmann, e também foram constantes os seus pedidos de opinião e, inclusive, com solicitação de revisão dos seus trabalhos.

É evidente, pois, que o caminho intelectual percorrido por Martius para desenvolver uma proposta de estudo histórico das sociedades indígenas brasileiras e para conceber a sua organização em famílias geneticamente relacionadas, com base na pesquisa linguística, tem como referência decisiva a figura de Wilhelm von Humboldt. Assim, de forma direta ou indireta, esse trabalho está vinculado à mais renomada personalidade do pensamento linguístico europeu das primeiras décadas do século XIX.

Porém, se a figura de Humboldt exerceu uma importante influência, fundamentalmente, de caráter teórico e filosófico sobre Martius, o germanista Jacob Grimm (1785–1863) aparece como o linguista que forneceu verdadeiros arquétipos para o procedimento analítico do cientista muniquense.

Os dois personagens cultivaram uma cálida amizade que se inicia em meados dos anos de 1840 e se prolonga por quase duas décadas, até a morte de Grimm. Na correspondência podemos constatar que a relação entre eles era de bastante intimidade, ao ponto de se referirem a terceiros com uma boa dose de cumplicidade, permitindo-se inclusive críticas, como nos comentários que Grimm escreve sobre Buschmann, a quem atribui o mérito de uma alta capacidade de trabalho, mas a quem também atribui uma falta de visão.

No outono de 1859, Martius e Grimm passaram uma bela temporada juntos na casa de campo do naturalista em Schlehdorf, precisamente quando ambos trabalhavam na elaboração dos seus respectivos dicionários, Grimm no famoso *Dicionário alemão* [*Deutsches Wörterbuch*], Martius na preparação dos seus *Glossários* das línguas indígenas.

Há de se considerar que, na década de 1840, Grimm desfrutava de um considerável prestígio no âmbito da Prússia e no espaço germânico em geral, e as suas obras – algumas assinadas individualmente, outras com seu irmão Wilhelm – sobre a língua, a cultura e o direito alemão já haviam ganhado dimensões imponentes.

No nosso contexto é interessante observar que, inicialmente, a *Gramática alemã* [*Deutsche Grammatik*] (1819-1837), de Grimm, um tratado de linguística histórica que definiu métodos para os estudos gramaticais de forma ampla, foi utilizada como obra de referência nas pesquisas que, à época, vinham sendo desenvolvidas nas mais diversas áreas. O modelo construído por Grimm para

a descrição comparativa das línguas germânicas foi utilizado amplamente no âmbito dos estudos de comparatismo histórico para as línguas românicas, as indo-europeias e, depois, para os mais diversos grupos de línguas em todo o mundo.

Na primeira parte, intitulada “Sobre as letras”, a gramática trata do processo de mudança fonética, o *Lautverschiebungsprinzip*, aplicado a um segmento das línguas indo-europeias, o qual passou a ser chamado de “leis de Grimm”.

Como vimos, Martius não entrou na análise gramatical das línguas indígenas americanas, mas, sim, se empenhou por identificar a origem comum das palavras. Para isto construiu grandes quadros comparativos de séries de vocábulos, no intuito de verificar as mudanças fonéticas nos diversos grupos das línguas indígenas. Na sua estrutura, esse trabalho lembra a proposta do quadro de mudanças fonéticas que Grimm construiu para o grego, o gótico e o alto-alemão antigo. Porém, o cientista bávaro não alcançou a elaboração de um quadro sistemático e sintético nesses trabalhos e, na publicação da sua obra, inclusive, omitiu formulações explícitas nesse sentido. E só nos manuscritos preparatórios para os *Glossários* é que encontramos alguns esboços, nos quais insinua a existência de traços do regime de mudanças para grupos de línguas indígenas.¹¹

A preocupação de Grimm pela identificação e definição da nação alemã está transversalmente presente ao longo de toda sua obra, e também se manifesta na sua atuação política. Em 1828 publica uma *História do antigo direito alemão* [*Deutsche Rechtsaltertümer*], em 1848 aparece a sua *História da língua alemã* [*Geschichte der Deutschen Sprache*] e, no final da década de 1830, inicia, junto com seu irmão Wilhelm, a elaboração do *Dicionário alemão*. O dicionário foi uma empresa editorial de caráter monumental, cujo primeiro fascículo apareceu em 1852 e em 1854 completou o primeiro volume; o dicionário só seria concluído em 1860.

No seu conjunto, todas são obras de extraordinária erudição, mas também representam estudos com uma convicção clara sobre a unidade do povo alemão. E, de fato, foi com esse pressuposto que Jacob Grimm participou na Assembleia Nacional convocada em Frankfurt / Main na igreja de São Paulo, em 1848, já como uma premissa para o futuro processo de unificação dos numerosos estados soberanos em um novo Império Alemão.

Ao longo das suas grandes publicações, como também nos seus escritos e discursos apresentados na academia das ciências, Grimm explicita

¹¹ Na Bayerische Staatsbibliothek, acervo Martiusiana, há numerosos exemplos razoavelmente bem conservados desses frágeis quadros comparativos, cujas folhas, às vezes, alcançam dimensões de até 60-80cm de altura por 100 cm de comprimento. Para o exemplo de um desses quadros, v. entre outros o Cod. I.A.1.12; e há alguns esquemas sinóticos desses trabalhos no caderno de anotações sob o Cod. I.A.1.13.

persistentemente o entendimento acerca da noção do alemão, como um conceito abrangente para as línguas de raiz germânica. É nomeadamente na longa “Introdução” ao dicionário, assinada por Jacob Grimm em março de 1854, e em parte também nos escritos apresentados simultaneamente na Academia das Ciências em Berlim, que encontramos uma apaixonada declaração de compromisso com a língua alemã. O autor chega a chamar o dicionário de “santuário nacional”, onde se encontram o passado com o presente e onde se manifesta a unidade de um povo (Grimm 1854:XII). Não obstante, com espírito romântico, refere-se à língua contemporânea como um corpo deteriorado, e julga que é sobretudo no alemão antigo onde se localizam traços “invejáveis e com maior capacidade expressiva que na [língua] atual” (idem III). Em última instância – segundo afirma na comunicação “Sobre a origem da língua” [Über den Ursprung der Sprache], lida na Real Academia das Ciências, em Berlim, em 1851 –, o princípio reitor é o de que “a nossa língua é também a nossa história” (Grimm 1864 (I):290).

Com independência das diferenças de objeto de estudo de Grimm e Martius e, particularmente, das avaliações, inclusive contrapostas, que cada um destes cientistas faria do seu respectivo assunto, é inequívoco que há coincidências relevantes na abordagem que, de acordo com a nossa leitura, o germanista foi traspassando ao americanista. A compreensão da língua como expressão da unidade de um povo e a sua conseqüente interpretação como materialização do devir histórico vieram a alimentar o sentido que Martius dava ao impulso do estudo da língua, não como objeto em si mesmo, mas como ferramenta para penetrar na mais longínqua história das sociedades, pois, como afirmado por Grimm, “a nossa língua é também a nossa história”. E o fato de Grimm – num ambiente intelectual profundamente persuadido da vigência do princípio iluminista de constante progresso – conceber a possibilidade de um deterioramento, inclusive, de um retrocesso no acontecer humano, nomeadamente na língua, reforçaria as ideias que Martius vinha propondo desde os seus primeiros estudos sobre os povos indígenas americanos.

A sintonia entre esses dois linguistas-historiadores transparece constantemente na correspondência que trocaram ao longo dos anos. Assim, por exemplo, em janeiro de 1853, Grimm escreveu a Martius:

Há alguns meses voltei a ler com renovado prazer as suas tradições de direito brasileiras, e, caso chegue a concretar-se a – sem dúvida necessária – reedição do meu [trabalho sobre o] antigo direito alemão, haverá muita coisa para [eu] tomar [do seu livro].¹²

A observação se refere, claro está, a *O estado de direito dos autóctones do Brasil*, de Martius, e o interesse com o qual Grimm observou esse estudo,

¹² Bayerische Staatsbibliothek, Martiusiana, Cod. II. A, 2, Grimm, Jakob.

pensando na sua *História do antigo direito alemão*. De fato, esse parece ter sido um ponto de contato persistente, que retorna, inclusive, dez anos depois, em algumas das últimas trocas de missivas, quando Martius já estava concluindo os *Glossários*.

“O Senhor deseja que eu escreva uma pequena introdução para sua importante obra sobre as línguas brasileiras”, escreve Grimm em 23 de fevereiro de 1863, respondendo a um pedido de Martius para que fizesse a introdução aos *Glossaria linguarum Brasiliensium*.

Essa ousada tarefa me seduz, mesmo sendo eu um homem de 79 anos, que está carregado de trabalho. Inclusive já tenho elaborado algumas ideias sobre os selvagens e o que tudo isto implica no campo da formação intelectual ou, para utilizar a palavra de moda, da cultura.

E, pouco mais adiante, destaca questões de interesse comum nos estudos que um e outro desenvolviam: “Para um escrito sobre o antigo Estado do Direito alemão, que redijo atualmente, tenho revisado com muito proveito o seu tratado sobre o Estado do Direito no Brasil; há observações absolutamente coincidentes.”¹³

Meio ano depois morria Grimm e a mencionada introdução não chegou a ser escrita. Mas o teor da carta evidencia uma interlocução que, para a construção do pensamento linguístico e etnográfico de Martius, certamente foi essencial.

Para o naturalista, a aprovação de Jacob Grimm representava um aval de fundamental importância para a concepção do seu trabalho. Por isso, quando formula um *mea culpa* na introdução dos seus *Glossários*, ele já sabe da sustentabilidade da metodologia do seu trabalho. Nesse sentido escreve:

Sendo leigo nos estudos das línguas, não poderei falar sobre o caráter gramatical do tupi e outras línguas sul-americanas, e peço a benevolência dos eruditos pelo que apresento aqui. De fato, penso que ao aprofundar no espírito destas línguas, observando sua construção sintática, se constatará que existe entre elas uma afinidade ainda maior do que habitualmente se pensa. (Martius 1863 (II):VI)

Com base na certeza da validade da sua pesquisa se permite fazer algumas sugestões aos pesquisadores brasileiros, expressando o desejo de que seja superado o esquecimento ao que as ciências no Brasil têm submetido as línguas indígenas. Particularmente para o tupi, sugere que seja

[...] desenvolvida a pesquisa sobre sua estrutura gramatical de acordo com os princípios da ciência moderna e que se trabalhe com base em vocabulários recolhidos da boca dos próprios falantes das respectivas tribos, enriquecendo-os com materiais de outras línguas. (idem (II):VII)

¹³ Ibidem.

As referências ao caráter da língua e à importância de um registro da língua viva aparecem, por outra parte, quase em forma de alusões ao trabalho de Humboldt.

Martius, efetivamente, se limitou a elaborar vocabulários das línguas do Brasil, e nunca se aventurou no campo da descrição gramatical. Seus métodos, quanto às escolhas temáticas dos vocabulários, derivam basicamente da tradição dos estudos lexicográficos, desenvolvidos desde o século XVIII por Peter Simon Pallas (1741-1811) e de Lorenzo Hervás (1735-1809), e continuados no início do século XIX no *Mithridates* de J. C. Adelung (1732-1806) e J. S. Vater (1771-1826).

Como mencionamos anteriormente, a obra lexicográfica de Martius deve ser analisada como um grande trabalho de compilação, para o qual o autor contou com a contribuição de numerosos viajantes, alguns eruditos nos estudos linguísticos, como J. J. von Tschudi, o suíço que trabalhou sobre o kechua e foi depositário de uma importante parte dos vocabulários indígenas coletados por Johann Natterer. Inovadoras são, sim, suas análises comparativas, que utilizam de forma bastante sistemática a confrontação fonética, tanto numa perspectiva sincrônica como diacrônica. E foi baseado nessas análises comparativas que modelou sua compreensão das famílias linguísticas para o espaço do Brasil.

Recepção no Brasil da obra de linguística e etnográfica de Martius

Ao completar a edição dos *Glossários*, Martius fez um grande empenho para que essa obra circulasse no Brasil. Com este propósito, no mesmo ano da sua edição, em 1863, remeteu centenas de exemplares ao governo e a instituições brasileiras. Em carta de 11 de abril de 1863 dirigida ao cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876), então secretário do IHGB, comenta ter expedido nada menos que 900 exemplares através do cônsul geral do Brasil, em Hamburgo. E em 18 de agosto do mesmo ano, em carta ao mordomo da Casa Imperial, seu amigo Paulo Barbosa da Silva (1790-1868), menciona esse envio, um de cujos exemplares diz ter oferecido a D. Pedro II. E quatro anos depois, ao concluir a edição do primeiro volume de *Contribuições para a etnografia do Brasil*, enviou uma carta pessoal ao Imperador, datada em 17 de julho de 1867, onde declara:

[...] tenho me ocupado também de estudos sobre a história, a natureza, posição social, industrial e política dos Índios e ousou oferecer hoje a Vossa Majestade Imperial um livro sobre a Etnografia da Gentilidade d'América e principalmente do Brasil.

É fruto de 12 verões que passei retirado na campanha, estudando as línguas indianas e aproveitando-me da literatura riquíssima, tanto brasileira como estrangeira. Espero, que o retrato que faço

dos indígenas é verídico [!] e que demonstra nestes povos também as proporções que os acomodam à civilização europeia. Julgo que a língua brasileira oferece um meio poderoso para atrai-los e misturá-los com o outro povo baixo. A comunidade de língua favorece aos matrimônios e o crescimento daquela população que está destinada pela providência a tirar proveito das riquezas naturais. (apud Diener e Costa 2012:412)

O valor político que Martius atribui particularmente aos *Glossários* está permanentemente presente nos comentários que acompanharam as diversas referências ao envio da obra. O cientista entende os *Glossários* como uma contribuição não só ao saber, mas também – quiçá com especial ênfase – ao desenvolvimento social e político do Brasil.

Com exceção da grande publicação de taxionomia vegetal, a *Flora Brasiliensis*, houve uma única obra que, anteriormente, Martius se empenhou em difundir de forma tão ampla no Brasil como os *Glossários*; essa foi o tratado de etnobotânica *Systema de matéria médica vegetal brasileira* (Leipzig, 1843), cujo subtítulo especifica que contém “o catálogo e classificação de todas de todas as plantas brasileiras conhecidas [...] e os seus usos medicinais [...]”. Também esse livro foi enviado com dedicatória a D. Pedro II em 1843, junto com outros 200 exemplares para serem distribuídos, “como bem parecerá, às Universidades e escolas de Medicina do Império, aonde poderão talvez ser úteis ensinando ao público médico e farmacêutico as riquezas do Brasil e o modo de fazer uso delas” (apud Diener e Costa 2012:310). Esse pequeno tratado sobre as plantas medicinais teve a sorte de ser traduzido ao português e publicado no Rio de Janeiro já em 1854.

Porém, apesar do grande esforço de Martius, nada aconteceu com os seus estudos etnográficos e linguísticos.

Foi apenas no início do século XX que os seus dois primeiros escritos vieram a ser traduzidos e publicados no Brasil, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Sendo que, em 1904, apareceu o ensaio *Passado e Futuro do homem americano*, sob o título maior de *A etnographia da América especialmente do Brazil* (1904 (IX):534-562), traduzido por Albert Löfgren e revisado por Theodoro Sampaio. O título principal indica que o texto foi tomado da reimpressão que Martius fez desse ensaio em 1867, e não da primeira edição de 1839.

Dois anos depois foi publicado na mesma revista a tradução do pequeno tratado sobre *O estado de direito entre os Autochtones do Brazil* (1906 (XI):21-82.), traduzido novamente por Albert Löfgren e desta vez revisado por A.C. de Miranda Azevedo.

Ambos os trabalhos foram vertidos ao português de forma cuidadosa, embora com interferências na construção do texto em alemão. A maior distorção se

deu, porém, pelo fato de que, provavelmente, em ambos casos, o texto original utilizado foi aquele da segunda edição; por essa razão, o tratado sobre *O estado de direito*, na versão brasileira, apareceu sem o anexo e também sem o mapa, que faziam parte apenas da primeira edição alemã. Para a publicação germânica de 1867 era evidente que não tinha sentido incluir o anexo ao ensaio sobre o direito entre os indígenas, já que essa pequena obra fazia parte do tomo de abrangência maior, no qual Martius oferecia uma nova descrição das etnias e incluía ao final um minucioso índice remissivo, com referência a todos os povos mencionados, assim como o mapa, que foi reelaborado; e, no segundo volume, publicava uma ampla lista de povos com as amostras de vocábulos. Porém, a versão brasileira, que publicou isoladamente *O estado de direito*, ficou mutilada, sobretudo, por carecer do anexo com o corpo de referência no qual se sustentam as afirmações contidas no escrito. Em 1982, a editora Itatiaia, em coedição com a Edusp, republicou esse trabalho, mantendo, infelizmente a mesma mutilação.

Já o estudo sobre a Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (Munique, 1844) foi vertida ao português em 1938. Porém, os dois volumes das Contribuições para a etnografia e a linguística da América, especialmente do Brasil (1863-1867) jamais foram traduzidos e, apesar dos 900 exemplares dos Glossários que Martius enviou em 1863, trata-se de uma obra escassamente conhecida, que se transformou, com o correr dos anos, numa raridade bibliográfica.

Ao concluirmos essa visita panorâmica às obras que C. F. Ph. von Martius dedicou à temática indígena, principalmente às línguas, percebemos que há uma clara linha de continuidade. Trata-se de um pensamento e uma pesquisa que foi se construindo ao longo de quase quatro décadas – em paralelo à sua obra botânica –, num período no qual o cientista foi encontrando mentores e parceiros intelectuais que orientaram suas investigações e o levaram a uma crescente aproximação com os estudos linguísticos.

Constatamos que há um colossal intento por compreender o devir da população americana, que o cientista vincula à convicção de que sua tarefa também deve ter como resultado propostas de caráter político. Como escreve a D. Pedro II, foram doze os verões que dedicou a esse trabalho final centrado nos *Glossários*, na certeza de que, por via do conhecimento das línguas, conseguiria desvendar o mistério que ele acreditava existir sobre a história das sociedades indígenas do Brasil. No substancial, Martius reitera sua tese de uma degradação e afirma que, por via da interferência no campo das línguas dos povos americanos, seria possível implementar uma política que – na lógica do nosso personagem – podemos chamar de resgate. Esse seria o caminho para um melhor e mais coerente desenvolvimento do Brasil, já que, na sua opinião, esta é uma nação cuja primeira característica é a de ser mestiça.

Referências

- Allemão, Francisco Freire. 1847. “168ª Sessão em 10 de junho de 1847 – Parecer sobre as memórias apresentadas ao concurso de um plano para escrever a história antiga e moderna do Brasil”. *Revista do IHGB*, 9:279-287.
- Diener, Pablo e Maria de Fátima Costa (orgs.). 2012. *Um Brasil para Martius*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes.
- Eichler, August Wilhelm. 1869. “Carl Friedrich Philipp von Martius. Nekrolog”. *Flora oder allgemein botanische Zeitung*. Königliche bayerische botanische Gesellschaft in Regensburg, XXVII N.S. pp. 3-13.
- Goethe, Johann Wolfgang von. 1989. “Genera et species palmarum, von Dr. C.F. von Martius. Fasc. I e II. Munique, 1823”. In: *Sämtliche Werke*, 12:382-384.
- Grimm, Jacob. 1819-1837. *Deutsche Grammatik*. Göttingen: Dieterich; 4 partes.
- Grimm, Jacob. 1828. *Deutsche Rechtsalterthümer*. Göttingen: Dieterich.
- Grimm, Jacob e Wilhelm Grimm. 1854-1862. *Deutsches Wörterbuch*. Vol. 1, 1854 (A-Biermolke); vol. 2, 1860 (Biermöder-D); vol. 3, 1862 (E-Forsche). Leipzig: Weidmann.
- Grimm, Jacob. 1864. “Über den Ursprung der Sprache”. In: *Kleinere Schriften*. Berlin: Dümmler; vol. I, pp. 255-298.
- Humboldt, Wilhelm von. 1820. “Über das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung”. *Abhandlungen der hist.-phil. Klasse der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. [reimpresso em: *Werke in fünf Bänden*. Darmstadt, 1963; pp. 1-25].
- Humboldt, Wilhelm von. 1821. *Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens vermittelt der vaskischen Sprache*. Berlin: Dümmler.
- Humboldt, Wilhelm von. 1822. “Ueber das Entstehen der grammatischen Formen, und ihren Einfluß auf die Ideenentwicklung”. In: *Abhandlungen der hist.-phil. Klasse der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin* [reimpresso em: *Werke in fünf Bänden*. Darmstadt, 1963; pp. 31-63].
- Humboldt, Wilhelm von. 1836. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Königliche Preussische Akademie der Wissenschaften [reimpresso em: *Werke in fünf Bänden*. Darmstadt, 1963; pp. 368-756].
- Humboldt, Wilhelm von. 1920. “Die Vasken, oder Bemerkungen auf einer Reise durch Biscaya und das französische Basquenland im Frühling des Jahrs 1801. Nebst Untersuchungen über die Vaskische Sprache und Nation, und einer kurzen Darstellung ihrer Grammatik und ihres Wörternvorraths”. In: *Gesammelte Schriften*. 17 vols. Berlin: Behr, 1903-1936 [edição organizada por Albert Leitzmann], 13:1-195.
- Humboldt, Wilhelm von. 2010. *Schriften zur Anthropologie der Basken*. Vol. 1. Paderborn / Munique / Viena / Zurique: Ferdinand Schöningh [edição organizada e comentada por Bernhard Hurch].

- Humboldt, Wilhelm von. 2011. *Südamerikanische Grammatiken*. Vol. 5. Paderborn / Munique / Viena / Zurique: Ferdinand Schöningh [edição organizada por por Manfred Ringmacher e Ute Tintemann].
- Leibniz, Gottfried Wilhelm. 1710. “Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indicio linguarum”. *Miscellanea Berolinensia ad incrementum scientiarum*; pp. 1-16.
- Leibniz, Gottfried Wilhelm. 1765. *Nouveaux Essais sur l’entendement humain*. Amsterdam / Leipzig: Schreuder [reimpresso em: Paris: Garnier-Flammarion, 1966].
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1823-1850. *Historia naturalis Palmarum*. Leipzig: T.O. Weigel; vols. I-III.
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1824 – 1832. *Nova genera et species plantarum brasiliensium, quas in itinere jussu Maximiliani Josephi I. Bavariae regis per Brasiliam a 1817-20 suspecto collegit [...]*. Munique: Lindauer / C. Wolf; vols. I-III.
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1825. “Specimen materiae medicae brasiliensis”. *Denkschrift der königlichen bayerischen Akademie der Wissenschaften* IX. Munique.
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1832. *Von dem Rechtzustande unter den Ureinwohnern Brasiliens. Eine Abhandlung*. Munique/Leipzig, Friedrich Fleischer [reimpresso em: Martius, 1867, pp. 43-144]. [“O estado do direito entre os autóctones do Brasil”. Tradução. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* XI:20-82; reimpresso em: Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. (Reconquista do Brasil; nova série; v. 58)].
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1839. “Die Vergangenheit und Zukunft der Amerikanischen Menschheit. Ein Vortrag. Naturforscher und Ärzte in Freiburg”. *Deutsche Vierteljahresschrift*, II (1839), p. 235-270 [reimpresso em: Martius, 1867. pp. 1-42]. [“A etnografia da América, especialmente do Brasil. O passado e o futuro do homem americano”. Tradução. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, IX (1904), pp. 534-562].
- Martius, Carl Friedrich Philipp von, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban. 1840-1906. *Flora brasiliensis sive enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum, quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icone edidit Carolus Friedricus Philippus de Martius*. Munique e Leipzig: R. Oldenbourg; vols. 1-15.
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1843. *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis*. Leipzig: Fleischer [*Systema de matéria médica vegetal brasileira contendo o catálogo e classificação de todas as plantas brasileiras conhecidas*. Tradução. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1854.].
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1844. *Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und Heilmittel der Urahbewohner Brasiliens*. Munique, Druck der Wolfschen Buchdruckerei [*Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios Brasileiros*. Tradução. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Recife/ Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1939. (Série 5ª, Brasileira; v. 154)].

- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1844. “Como se deve escrever a História do Brasil”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 6(24):381-403.
- Martius, Carl Friedrich Philipp von. 1863-1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Leipzig, F. Fleischer; vol. 1: Zur Ethnographie, e vol. 2: Zur Sprachenkunde.
- Mueller-Vollmer, Kurt. 1993. *Wilhelm von Humboldts Sprachwissenschaft: ein kommentiertes Verzeichnis des sprachwissenschaftlichen Nachlasses*. Paderborn, Munique, Viena, Zurique: Ferdinand Schöningh.
- Ringmacher, Manfred. 2012. “Wilhelm von Humboldts Beschäftigung mit den amerikanischen Sprachen: Kontexte und Perspektiven”. In: Sakel, Jeanette, e Stolz, Thomas (eds.). *Amerindiana. Neue Perspektiven auf die indigenen Sprachen Amerikas*. Berlin: Akademie Verlag; pp. 9-33.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2002. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Schmeller, Johann Andreas. 1827-1837. *Bayerisches Wörterbuch*. Stuttgart/ Tübingen: J.G. Cotta; 4 vols.
- Schmeller, Johann Andreas. *Tagebücher*. 1801-1852 [editado por Paul Ruf]. 1954-1957. Munique, C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung - Schriftenreihe zur bayerischen Landesgeschichte; vols. 47, 48 e 48a.
- Spix, Johann Baptist von e Carl Friedrich Philipp von Martius. 1823-1831. *Reise in Brasilien auf Befehl S. M. Maximilian Joseph I, Königs von Bayern, im Jahre 1817 – 20 gemacht und beschrieben von Johann Baptist v. Spix und Carl Friedrich Philipp von Martius*. Vols. I – III e Atlas. Munique: Lindauer / Lentner / Fleischer [*Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Tradução. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981 (Reconquista do Brasil; nova série; vols. 46-47-48); vols. I-III].

Data recebimento: 05/11/2014.

Data aceite: 20/11/2014.

Weg. der Indianer-Vocabular

| | | | |
|----------------|---------------------------------------|---------------|-----------------------|
| 1 Corrado | 18 Tumana M | 33 Muxate | Patagon |
| 2 Puri | Xumana sp | 34 Inca | Mexico |
| 3 Macuani | 19 Campesinos | 35 Maxuruna | Sandwich |
| 4 Comanacos | 20 Tecunas | 36 Passe | Mulgrave |
| Copaxos | 21 Mura | 37 Culino | Mexico |
| Maxacalis | 22 Jupua | 38 Uaisacu | |
| 5 Malalis New | 23 Coereba | 39 Catoquini | Wissensch. Inst. Wien |
| 6 Patachos | 24 Coratu | 40 Arauquayn | |
| 7 Mencias | 25 Cauixana M | 41 Manato | Wissensch. Inst. Wien |
| 8 Mongoyos | 26 Muzandaba | 42 Bare | |
| 9 Botocudos | 27 u Carap. | 43 Caricays | Wissensch. Inst. Wien |
| 10 Canacans | 28 Mundurucu M. <u>folle de Fissa</u> | 44 Cannamerms | |
| 11 Sabuya | 29 Juri M | | |
| 12 Kiriri | | | |
| 13 Mabasacaras | 30 Uacuruma M | | |
| 14 Geicos | | | |
| 15 Pimenteiros | 31 Fauna | | |
| 16 Acrosmoem | 32 Marauha | | |
| 17 Geral | | | |

Manuscrito de Martius com uma lista de parte das línguas incluídas nos Glossários. Ca. 1850. Biblioteca do Estado da Baviera, Coleção Martiusiana.